

## DINÂMICA FENOMENOLÓGICA DE PERCEPÇÃO DO LUGAR NARRATIVO DE FICÇÃO LITERÁRIA

Danilo de Oliveira Nascimento

Universidade Federal de Rondonópolis

[danilo.nascimento@ufr.edu.br](mailto:danilo.nascimento@ufr.edu.br)

### Resumo

O objetivo fundamental deste artigo é ressaltar a dinâmica de percepção de lugar narrativo considerando três instâncias de experiência perceptiva: a da metodologia de análise e de interpretação do texto literário baseada na fenomenologia da percepção e da geografia humanista; a da noção de livro enquanto suporte do texto literário e a da linguagem literária. A partir de Merleau Ponty e Yi-Fu Tuan, adota-se a noção de lugar como fenômeno de situação e de temporalidade, reiterando, assim, a compreensão de que o lugar imediatamente percebido se trata de fenômeno de condensação e difusão de outros lugares que o precedem, constituem e caracterizam, e que desvela as dinâmicas de intersecção e de passagem, bem como as lógicas da precedência e da obviedade.

**Palavras-chave:** Narrativa de ficção; Lugar narrativo; Narratologia; Fenomenologia da Percepção.

### Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

### Danilo de Oliveira Nascimento

É graduado em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Mato Grosso, Doutor e Mestre em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor Associado de Estudos Literários e Literatura Brasileira na Universidade Federal de Rondonópolis (MT). Publicou os seguintes livros: *Representações da infância, da adolescência e da juventude na prosa ficcional e não ficcional de Raul Pompéia*, *Iniciação aos estudos literários: saberes e práticas* e *Capítulos de Estudos Literários*. Realiza pesquisa sobre lugar e narração sob a perspectiva da narratologia, fenomenologia da percepção, geografia humanista, hermenêutica, semiótica e estética da recepção, tendo publicado nos últimos anos vários artigos sobre o tema.



[lattes.cnpq.br/5575244623333242](https://lattes.cnpq.br/5575244623333242)

#### Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas  
Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras  
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil  
<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

## DINÂMICA FENOMENOLÓGICA DE PERCEPÇÃO DO LUGAR NARRATIVO DE FICÇÃO LITERÁRIA

Danilo de Oliveira Nascimento

Universidade Federal de Rondonópolis

([danilo.nascimento@ufr.edu.br](mailto:danilo.nascimento@ufr.edu.br))

### Introdução

Este estudo aborda considerações acerca da experiência de percepção do leitor do lugar em narrativas ficcionais. Ressalta-se que a expressão “lugar em narrativas ficcionais” engloba diversas das suas noções e funções circunscritas nos planos da representação e do representado, da enunciação e do enunciado, assim como da codificação e da decodificação.

Nesse sentido, a definição de lugar aplicada ao estudo do texto narrativo de ficção literária deriva das perspectivas epistemológicas e metodológicas da fenomenologia da percepção e da geografia humanista, específica e respectivamente, de Merleau-Ponty e de Yi-Fu Tuan. A partir desse aporte teórico, problematizamos a experiência perceptiva de lugar como fenômeno que se efetiva por meio das dinâmicas de intersecção e de perpassagem e, também, das lógicas da precedência e da obviedade.

Para o desenvolvimento da análise, esta pesquisa subdivide-se em dois tópicos. No primeiro, abordamos a discussão em torno do modo de aplicação das perspectivas citadas acima durante o ato de análise e de interpretação do texto narrativo e é a partir deste que se desvela a dinâmica fenomenológica de percepção de lugar e de lugares. No segundo tópico, tratamos de duas categorias consideradas lugares fundantes de outros lugares, entre eles, o livro e a linguagem literária. Elas são analisadas como lugares que constituem e caracterizam lugares, como o lugar representado na narrativa.

### A área de conhecimento e a metodologia enquanto lugares para o estudo do lugar na narrativa

O estudo de lugar na narrativa de ficção esbarra em algumas constatações que devem ser consideradas, sobretudo por estudiosos iniciantes e desavisados. Entre elas,

#### Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

podemos citar o uso recorrente dos termos “espaço” e “lugar” como sinônimos de lugar ou de local; o emprego generalizado das expressões “espaço social” e “espaço psicológico”; a compreensão do lugar (e do espaço) como uma categoria apenas importante para a explicação e/ou justificação do *éthos* das personagens, ou como pano de fundo da narrativa; a noção generalizada de que o estudo do lugar (e do espaço) se centra naquilo que está representado na narrativa; e, ainda, o estudo do lugar narrativo em relação e em comparação com lugar referente ou referenciado.

Inicialmente, as primeiras constatações podem ser consideradas reflexos da última, devido ao fato de esta ter se instituído paradigma metodológico de análise e de interpretação que prescreve a linguagem literária como um meio de representação da realidade extratextual. A instituição e a resistência de tal paradigma traduzem, por um lado, a consideração do estudo do espaço narrativo restrita às discussões em torno da *mimesis* e da verossimilhança e, por outro, a desconsideração do tipo de enredo narrativo, ou seja, um paradigma metodológico de interpretação que enfatiza o reducionismo realista.

Reafirmamos, porém, que o tipo de texto literário determina a metodologia de interpretação e não o contrário. Nessa perspectiva, anteriormente ao estudo de um determinado aspecto ou elemento textual, faz-se necessária a compreensão da organicidade e da funcionalidade do texto literário ou de um tipo de texto literário, enquanto *corpus* de análise e de interpretação.

Importa destacar que a compreensão do tipo de enredo narrativo é fundamental para o estudo de questões relacionadas ao espaço narrativo. Assim, salientamos que a configuração espacial no texto literário, a experiência perceptiva e o modo de tratamento da configuração espacial são distintos em narrativas de enredo linear e não linear.

Não é escopo deste artigo a problematização específica em torno da relação entre configuração espacial e esses dois tipos de enredo, mas é importante evidenciar que, enquanto nas narrativas de enredo linear a experiência perceptiva e a interpretação textual ficam muito restritas ao espaço (ou lugar) representado no texto, as narrativas de enredo não linear expandem as experiências perceptuais e interpretativas. Nesse sentido, enquanto o enredo linear restringe a noção de espaço ficcional como um reflexo do espaço geográfico, arquitetônico, histórico e social, o enredo não linear destaca a espacialidade textual e a espacialização do texto.

Uma vez que as narrativas de enredo não linear transmutam no e para o plano da ficção e da textualidade certas experimentações e experiências espaciais, os topoanalistas precisam ultrapassar os limites epistemológicos, metodológicos e terminológicos da teoria da narrativa, ou narratologia, visando compreendê-las.

#### Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Em narrativas não lineares, a tese corrente é que a linguagem não é meio de representação de seres e objetos, mas os próprios seres e objetos. Nesses tipos de narrativas, que comumente são rotuladas de experimentais, a linguagem é referência de espaço e é, por si mesma, espacialidade. A linguagem pode materializar as três dimensões do espaço (altura, profundidade e largura). Desse modo, é possível notar certas tentativas de projeções de lugares por meio da seleção e da combinação efetiva de letras, sílabas, fonemas, morfemas, palavras e sintagmas, elementos linguísticos que se projetam como estruturas e formas espaciais ou itens de formas espaciais. Na Literatura Brasileira, podemos exemplificar tal proposição com algumas poesias barrocas, poesias concretas e romances experimentais de Oswald de Andrade.

Evidentemente, a noção de linearidade e de não linearidade do texto literário afeta não apenas a dinâmica do ritmo e da sequência de leitura, mas também a própria percepção da concepção espacial. Assim, o processo inicial de decodificação do texto de narrativa linear sempre projeta o lugar enquanto fenômeno unidimensional e, a partir da progressão informacional, o leitor passa a perceber o lugar em sua dimensionalidade ou tridimensionalidade. Se, em cada etapa da leitura do lugar, obtemos informações sobre sua configuração, então, paradoxalmente, podemos afirmar que a completude estática do lugar narrativo se trata, na verdade, de um constructo metonímico, elíptico e essencialmente gradativo.

Em razão do exposto sobre a importância de se considerar o tipo de enredo da narrativa e sua determinação sobre a configuração espacial, faz-se necessário também chamar a atenção sobre fontes de pesquisa referentes ao lugar narrativo, uma vez que, de acordo com Antônio Dimas, “não há como escapar de um elenco mínimo de noções teóricas para melhor encaminhar o problema que nos ocupa” (1994, p. 33).

O problema que nos ocupa atualmente não é mais a “minguada bibliografia” sobre o espaço narrativo, como pontuara o autor de *Espaço e romance*, livro da série Princípios, publicado na década de 90:

Causa estranheza essa rarefação crítica, responsável pela dificuldade em se organizar um repertório bibliográfico extenso e sistemático, mormente num país cuja literatura respondeu e responde de pronto aos estímulos mesológicos. Seria a espacialidade do nosso romance um fator de intimidação, dado o vulto da pesquisa, ou, simplesmente, um ponto de irrelevância crítica? Talvez seja precoce responder, mas o fato é que nunca fomos indiferentes àquilo que nos rodeia, e do nosso meio tem saído muita matéria ficcional que se farta no puramente descritivo ou persegue o integrativo e o orgânico. Num certo sentido, frente à tradicional carência de estudos especializados, o

#### Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

romancista brasileiro como que toma para si a incumbência de vasculhar o país, em sua geografia, sua história e suas instituições. (DIMAS, 1994, p. 16)

Opostamente à constatação de Antônio Dimas, nos dias atuais, é possível encontrarmos material farto<sup>1</sup> sobre o estudo do espaço. No entanto, não podemos sustentar tal afirmação quando se trata do estudo do lugar narrativo ou do lugar na narrativa. Na verdade, o que constatamos quando da consulta às fontes bibliográficas sobre o espaço narrativo é que, em muitos estudos, “espaço” e “lugar” são tomados como termos correlatos, quando, na verdade, não o são.

Vale citar que escassez ou inexistência de bibliografia sobre o tema no âmbito da teoria literária ou da teoria da narrativa estimula os estudos interdisciplinares e transdisciplinares do lugar narrativo ou lugar na narrativa. Trata-se, portanto, de uma ironia ou de uma contradição afirmar que o estudo do lugar narrativo ainda não encontrou lugar na teoria da narrativa. No entanto, é a partir desta que outras se desdobram, entre elas, aquela que desvela a necessidade de o estudioso ter que adotar e readequar as metodologias de outras áreas de conhecimento para realizar a análise e a interpretação do tema.

Quando o topoanalista inicia o trânsito de busca do conceito e da noção de lugar em outras áreas de conhecimento, ele, evidentemente, encontrará na geografia o seu primeiro campo de pesquisa. Esse encontro também proporciona várias descobertas interessantes, como a compreensão de que o lugar transcende a ciência geográfica e por isso permite o diálogo e as conexões da geografia com outras áreas de conhecimento. De outro modo, o estudo de lugar, mesmo no âmbito dos estudos geográficos, é, em sua natureza, interdisciplinar e transdisciplinar.

Outra descoberta sobre o estudo do lugar é a de que o tema foi desconsiderado durante muito tempo pela geografia. O interesse só passou a ocorrer a partir da década de 90 do século XX. Anteriormente, a geografia dedicava-se apenas ao estudo do mundo ou do espaço.

A resistência da geografia ao estudo de lugar se deve ao fato de ser relacionada à dificuldade de conceituação do termo ou ainda por se tratar de um conceito marginal ou muito associado à locação ou à localização. Ainda hoje, muitos geógrafos consideram o conceito evasivo, uma expressão autoevidente dotada de muita flutuação terminológica, expressão de transitoriedade e metamorfose e, também, uma “categoria identificatória do saber geográfico e que transmuta de sentido” (FELÍCIO, 2014, p. 299). Além disso, o sentido de lugar tem relação muito aproximada com o sentido de experiência, de tempo e de

---

<sup>1</sup> Ainda que haja uma quantidade significativa de estudos sobre o espaço narrativo, é curioso perceber que não encontramos os verbetes “espaço” e “lugar” em dicionários de teoria literária ou teoria narrativa.

**Dossiê “Nas teias da linguagem”**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

intersubjetividade. Lívia Andrade (2014), por exemplo, corrobora a ideia de lugar como a de tempo lugarizado, cujas dimensões significativas são pensadas a partir das experiências do habitar e do falar, assim como as dos ritmos e das transformações.

Fundamentalmente, é na geografia humanista que devemos buscar a problematização em torno do conceito e da noção de lugar. A propósito, em *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência* (2013), Yi-Fu Tuan ressalta que uma das funções da arte literária é dar visibilidade às experiências íntimas, inclusive às de lugar. Essa compreensão de literatura e de lugar como fenômenos de experiência reforça a intenção metodológica de aproximação entre teoria da narrativa e geografia humanista. Essa subárea da geografia, por sua vez, encontra, na fenomenologia da percepção, a fundamentação epistemológica e metodológica tanto para a identificação de características que, eventualmente, poderiam delimitar o entendimento de lugar quanto para a instituição de metodologia de análise e de interpretação de lugar na narrativa.

Notemos, portanto, que o que parece, em princípio, movimento de distanciamento dos estudos literários e especificamente dos estudos da narrativa, na verdade, revela-se interessante e importante aproximação que ressalta vários pontos de contatos entre as três áreas, sobretudo no que tange propriamente à imagem e à noção de lugar como aquilo que se mostra mediante dinâmica de experiência de percepção de lugar.

O conhecimento da geografia humanista, especificamente aquele divulgado por intermédio dos livros *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* (2012) e *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência* (2013), de Yi-Tuan, desenvolve discussão sobre lugar como fenômeno de experiência a partir da qual se instituem alguns conceitos fulcrais, tais como espaço circunscrito pela significação e definição; personalidade geográfica atribuída ao espaço; uma criação deliberada para satisfazer necessidades práticas; objeto que capta nossa atenção; pausa no movimento e permanência.

É exatamente a atenção sobre as considerações de Yi-Fu Tuan sobre essa última acepção de lugar que nos orienta ao reconhecimento da fenomenologia da percepção como aporte teórico e metodológico a partir do qual se reitera a imagem de lugar como uma síntese de processo de percepção que perpassa e intersecciona várias instâncias dessa percepção, entre elas, a do método e a da teoria adotada.

Nesse sentido, a adoção da fenomenologia da percepção para compreensão do lugar narrativo trata da pausa no processo de busca de aporte teórico para entendimento do fenômeno e a utilização dos conceitos fenomenológicos no ato da análise e interpretação do lugar na narrativa. Essa pausa traduz a permanência do topoanalista nessa circunscrição epistemológica e metodológica: “Começo a compreender uma filosofia introduzindo-me na

**Dossiê “Nas teias da linguagem”**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

maneira de existir desse pensamento, reproduzindo seu tom, o sotaque filosófico. Em suma, toda linguagem se ensina por si mesma e introduz seu sentido no espírito do ouvinte” (MERLEAU-PONTY, 2015, 244).

A permanência desvela o alinhamento e aderência a essa corrente filosófica e é a partir dela que se corrobora a noção de lugar como fenômeno de temporalidade, de situação e até de corporeidade, assim como fenômeno discursivo e, por isso, de extensão temporal.

Enquanto lugar epistemológico e metodológico, a fenomenologia da percepção pode ser considerada centro de orientação que institui campo visual no qual o estudioso identifica quatro lugares: do autor, do narrador, do personagem e do leitor, que se constituem e se caracterizam de três experiências - a do lugar, a da perceptiva de lugar e a da expressão discursiva da vivência, do trânsito e da habitação do/no lugar. Ao considerarmos essas instâncias para percepção da imagem de lugar, nada mais fazemos do que reconhecer que a articulação constitutiva de tal imagem se dá através daquilo que a fenomenologia denomina de estrutura de horizonte.

Importa considerar, nesse contexto, que a estrutura do horizonte se constitui de número variável de imagens de lugar, assim como de partes e de fragmentos variáveis dessa imagem que se doam à experiência perceptiva através do ritmo *a priori* e *a posteriori* e, também, do ritmo *in praesentia* e *in absentia*. Lembremo-nos aqui de que as imagens latentes, potenciais ou metamorfias de lugar na narrativa o são por projeções diretas das palavras que as constituem e caracterizam:

As palavras, como sabemos, têm o poder de fazer desaparecer as coisas, de as fazer aparecer enquanto desaparecidas, aparência que nada mais é senão a de um desaparecimento, presença que, por sua vez, retorna à ausência pelo movimento de erosão e de usura que é a alma e a vida das palavras, que extrai delas luz pelo fato que se extinguem, a claridade através da escuridão. Mas, tendo esse poder de fazer as coisas “erguerem-se” no seio de sua ausência, senhoras dessa ausência, as palavras também têm o poder de se dissiparem a si mesmas, de se tornarem maravilhosamente ausentes no seio de tudo o que realizam, de tudo o que proclamam anulando-se, do que eternamente executam destruindo-se, ato de autodestruição sem fim, em tudo semelhante ao tão estranho evento do suicídio, o qual confere precisamente toda a sua verdade ao instante supremo do Igitur. (BLANCHOT, 2011, p. 37)

A consciência dessa estrutura do horizonte trata-se também da consciência da própria dinâmica de (a)mostragem e/ou de (re)constituição da imagem, ao ponto de, muitas vezes, o processo de percepção da imagem e a (re)constituição e (re)caracterização da

#### Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

imagem percebida fundirem-se. Também é possível que o topoanalista confunda e funda o ato da percepção com o objeto percebido: “A coisa está em um lugar, mas a percepção não está em parte alguma porque, se estivesse situada, ela não poderia fazer as outras coisas existirem para ela mesma, já que repousaria em si à maneira das coisas” (MERLEAU-PONTY, 2015, p. 67).

A dinâmica de percepção imediata da imagem estrutura-se das dinâmicas simultâneas de fusão e confusão com outras imagens potenciais e latentes e com partes e fragmentos de imagens em uma rede de relação de função variável, assim como das próprias sensações visuais e tácteis estimuladas, seja pela imagem, seja através de fragmentos dessa imagem, ou, ainda, pela intersecção de imagens e de fragmentos de imagens. A interrupção dessas dinâmicas e a instituição do centro de orientação permite ao perceptante ser capaz de identificar traços constituintes e característicos do objeto, assim como o próprio objeto; essa identificação só é metodologicamente possível através daquilo que a fenomenologia da percepção denomina intencionalidade e redução fenomenológica.

Em se tratando de análise e interpretação, reconhecemos a intencionalidade e a redução fenomenológica como dois procedimentos metodológicos de identificação da imagem de lugar. Nesse sentido, o ato intencional de perceber especificamente imagem de lugar trata-se, segundo Bonomi (2009), de uma práxis interessada. Ela não faz apenas aparecer a imagem de lugar, mas também a intenção que visa ao objeto, uma vez que “a relação entre o sujeito e o objeto, denotada por essa noção, pressupõe não somente que o sujeito se abre ao objeto ou se transcende para ele, mas também que algo do objeto está presente no sujeito pertencente à estrutura do objeto anteriormente a qualquer objeto” (DUFRENNE, 2015, p. 87).

A imagem de lugar captada imediatamente traduz a intenção de quem a capta ou aquilo exatamente que se queria captar; tal imagem também resulta de redução fenomenológica. Assim, a imagem que emerge da estrutura do horizonte emerge porque doada à percepção.

## O livro e a linguagem enquanto lugares da percepção do lugar narrativo

Em *Espaço e romance*, de Antônio Dimas (1994), destacam-se as chamadas armadilhas virtuais espalhadas, disseminadas em todo o texto literário, mas, na maior parte das vezes, camufladas e quase sempre imperceptíveis para os leitores. Entre essas armadilhas virtuais, o espaço pode alcançar estatuto importante:

É bem verdade que, reconheçamos logo, em certas narrações esse componente

### Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

pode estar severamente diluído e, por esse motivo, sua importância torna-se secundária. Em outras, ao contrário, ele poderá ser prioritário e fundamental no desenvolvimento da ação, quando não determinante. Uma terceira hipótese ainda, esta bem mais fascinante! é a de ir-se descobrindo-lhe a funcionalidade e organicidade gradativamente, uma vez que o escritor soube dissimulá-lo tão bem a ponto de harmonizar-se com os demais elementos narrativos, não lhe concedendo, portanto, nenhuma prioridade. (DIMAS, 1994, p. 6)

A dinâmica de percepção do lugar narrativo institui-se da lógica da precedência e da obviedade. Ainda que o estudo objetive apenas a análise e interpretação do lugar representado na narrativa, constituído e caracterizado no enredo, mesmo assim, precisa considerar instâncias que precedem a sua representação, bem como aquelas que, sob o entendimento de que evidentes demais, são geralmente desconsideradas durante o ato interpretativo, pois, segundo Émile Benveniste (1976, p. 284): “às vezes é útil que a evidência se justifique”.

O reconhecimento da lógica da precedência pressupõe a existência de que sempre há um lugar de origem da experiência perceptiva de lugar, assim como lugar que condiciona tal experiência. Esse lugar de origem não necessariamente é aquele dado à análise e à interpretação, mas um entre outros, um a partir do qual se percebe outros e um no qual e a partir do qual se cria uma perspectiva, ou seja, “todo lugar é foco de um horizonte de outros lugares, o ponto de origem de uma série de percursos possíveis, passando por outras regiões mais ou menos determinadas” (BUTOR, 1974, p. 45).

A relação intrínseca entre lugar e lugares dá margem a uma variada possibilidade de estudo do tema, que pode ser notada quando traduzida a partir de comutações ou permutações prepositivas, como: estudo do ou no lugar narrativo; ou, ainda, lugar narrativo ou lugar na narrativa. Nesse contexto, a comuta prepositiva não apenas identifica o direcionamento intencional com respeito ao estudo de um lugar imediato e específico em um horizonte de lugares latentes, ela desvela a dinâmica do atravessamento, da intersecção e da perpassagem de/entre lugares de experiências perceptivas. Por sua vez, essas dinâmicas evidenciam que o lugar percebido sempre o é por intermédio de outros lugares que funcionam como espécie de filtro metonímico, sensorial e ideológico. Os lugares latentes não apenas precedem o lugar ulterior, aquele imediatamente percebido, eles criam perspectiva de percepção, por isso coordenam e condicionam a experiência perceptiva sobre dado fenômeno enquanto não percebidos imediatamente pela consciência.

Nessa perspectiva, os lugares latentes são apenas instâncias que sustentam a experiência perceptiva do lugar ulterior. No entanto, para além de uma compreensão restritiva e funcionalista sobre esse fenômeno, é importante ressaltar que as instâncias de

#### Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

percepção podem ascender à categoria fenomênica dada ao estudo quando também imediatamente percebidas.

A partir do reconhecimento da lógica da precedência, podemos identificar o livro enquanto suporte do fenômeno literário, como um dos lugares fundantes e condicionantes da experiência de percepção de lugar na narrativa. Essa identificação pretende ressaltar a compreensão de Lúcia Santaella (2012) de que a visualidade é uma tendência dominante nos processos de percepção, assim como a espacialidade é condição primordial da percepção viva. Nesse sentido, importa destacar que o primeiro contato do leitor com o texto se trata de experiência estritamente visual e estética. Experiência, a propósito, similar àquela vivenciada pelo visitante em seu primeiro contato com o meio ambiente: “A avaliação do meio ambiente pelo visitante é essencialmente estética. É a visão de um estranho. O estranho julga pela aparência, por algum critério formal de beleza. É preciso um esforço especial para provocar empatia em relação às vidas e valores dos habitantes” (YI-FU TUAN, 2012, p. 97).

Em se tratando de literatura escrita, o livro, enquanto suporte do texto, é o lugar genésico por excelência. Mais especificamente, fatores e elementos de natureza editorial que constituem e caracterizam a materialidade e o formato do livro e do texto determinam a gênese da experiência perceptiva da representação do lugar e do lugar representado, ao mesmo tempo que restringem a percepção e a perspectiva. Assim:

Se uma descrição fenomenológica deve ser levada a efeito, não poderá prescindir (...) do registro desse elemento material da palavra, que se oferece como dimensão hilética para a síntese da constituição de tratamento fenomenológico. É o estrato óptico o primeiro fator de percepção de uma obra impressa, o que proporciona desde logo a intuição de capítulos, atos, estrofes e estâncias. (RAMOS, 1968, p. 59)

A problematização em torno do livro enquanto suporte do texto literário conecta a lógica da precedência à lógica da obviedade. Em princípio, a afirmação de que o livro é lugar da literatura escrita soa como algo evidente ou óbvio. No entanto, ao considerarmos a lição de Paul Ricoeur (2010, p. 148) de que o próximo é sempre o dissimulado, poderíamos reiterar que o livro-suporte é, ao lado da linguagem literária, uma das instâncias que materializa certos modos e meios discursivos e estruturais de controle de percepção e de perspectiva. Na verdade, apesar de reconhecermos diversos tipos de suporte do texto literário, a imagem e a noção de literatura escrita estão, sob uma determinada convenção, vinculadas ao livro, sendo, portanto, o próprio livro lugar exclusivo de convenção que institui a percepção direta e imediata da literatura relacionada ao livro físico.

#### Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

A questão a ser discutida, portanto, é saber como essa relação impacta a percepção das várias instâncias de materialização do fenômeno literário não apenas quanto tal fenômeno se manifesta no e a partir do texto escrito comportado nos limites das páginas impressas, mas como também essa situação impacta o modo de percepção de outros tipos de suporte e de que modo o fenômeno literário se manifesta nesses suportes.

Anteriormente à compreensão de que a ficção é uma retórica complexa de dissimulação, como defende Wayne C. Booth em *Retórica de Ficção*, é importante ressaltar que o livro, literalmente, limita a experiência do leitor de percepção do lugar simplesmente porque se impõe como lugar exclusivo de uma experiência única de leitura e de compreensão de um universo ficcional representado. O livro isola o leitor do resto da humanidade, uma vez que se trata de “um sistema elaborado de controles sobre o envolvimento e distanciamento do leitor em várias linhas de interesse” (BOOTH, 1980, p. 139).

Especificamente, poderíamos dizer que uma série de itens de editoração controla, determina, limita, restringe, condiciona e ajusta as experiências sensoriais e ideológicas do leitor com respeito ao modo e ao ritmo da leitura, análise e interpretação do texto literário. Sob esse contexto, o condicionamento e a coordenação da experiência perceptiva de lugar processam-se e estendem-se entre elementos da macro e microestrutura da constituição e caracterização da estrutura do livro.

No primeiro caso, da macroestrutura, a experiência de percepção dá-se por intermédio da relação entre capa, títulos e subtítulos, formas de distribuição de capítulos e do texto na folha em branco, ou relação entre folha em branco e texto também. Atentar para um ou outro desses itens, ou relacioná-los, caberia ao estudo dos impactos da e na experiência perceptiva de lugar ainda que seja aquela representada no texto literário.

Já no segundo caso, da microestrutura, a constituição de imagem de lugar decorre da compreensão e da consideração da espacialização do texto. Nesse contexto, a experiência visual e estética do leitor com o texto condiciona-se ao paradigma de organização e disposição das palavras no texto considerando duas dinâmicas de leitura, uma macroscópica, que se refere à percepção da paragrafação e do parágrafo:

O texto não é somente uma hierarquia de constituintes; ele é também uma certa disposição material. Os enunciados literários, sejam eles escritos, sejam orais, devem gerar essa espacialidade e, em particular, impor-lhes escansões (...) na escrita, os autores têm essencialmente a sua disposição a divisão em parágrafos.

Na cultura ocidental, o parágrafo possui sua história. Foi a imprensa que impôs esse modo de espacialização textual: definindo unidades de sentido,

#### Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

supõe-se que ele articule a leitura e, portanto, a facilite. Essa divisão em parágrafos vem contrabalançar o caráter linear do texto, sobrepor a sucessão das palavras e das frases uma hierarquia que impregna diretamente a dimensão configuracional. Existem regras mais ou menos coercitivas, e, aliás, variáveis segundo os gêneros de discurso, mas que deixam aos autores uma margem de liberdade bastante considerável. (MAINGUENEAU, 2001, p. 167)

Nesse sentido, a outra dinâmica, que poderíamos denominar de microscópica, diz respeito à disposição das estruturas morfológicas e sintáticas, de metáforas espaciais, de elipses, de gradação e metonímias na circunscrição do próprio texto que coordenam o ritmo de decodificação textual e interferem continuamente na percepção visual e sensorial de lugar. No geral, metáforas espaciais e metonímias são consideradas com certa frequência quando o tema de estudo se restringe ao representado, assim como classes de palavras e estruturas sintáticas são pouco estudadas quanto à sua disposição em determinados locais da página, se à direita, se à esquerda, se na parte superior ou inferior.

A atenção sobre essa dinâmica faz ultrapassar os limites da concepção restritiva do texto como meio de projeção da imagem de lugar, mas como a própria imagem de lugar ou ainda como o próprio lugar demarcado e configurado. Trata-se de estudo de quantificação e de mapeamento de tais estruturas que reforça a concepção do texto-lugar e do suporte lugar do texto.

Além do livro, também a linguagem deve ser reconhecida como outro tópico de discussão no âmbito da lógica da precedência e da obviedade. Nesse caso, é importante considerar os desdobramentos de noções e sentidos de linguagem a partir da sua compreensão como lugar de manifestação, estruturação e formalização do fenômeno literário. A comparação entre linguagem e lugar tende a ressaltar a aproximação inevitável entre as duas categorias, uma vez que se trata de experiências fenomênicas e de base para experiências fenomênicas:

A literatura (...) tem a linguagem ao mesmo tempo como ponto de partida e como ponto de chegada; ela lhe fornece tanto sua configuração abstrata quanto sua matéria perceptível, é ao mesmo tempo mediadora e mediatizada. A literatura se revela, portanto, não só como o primeiro campo que se pode estudar a partir da linguagem, mas também como o primeiro cujo conhecimento possa lançar uma nova luz sobre as propriedades da própria linguagem. (TODOROV, 1979, p. 54).

Ao partirmos do pressuposto de que, no âmbito dos estudos da narrativa literária,

#### Dossiê "Nas teias da linguagem"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

lugar é um fenômeno discursivo, estrutural e eventual antes de ser um fenômeno imagético, reiteramos as compreensões de Gérard Genette (1972), Paul Ricoeur (1988), Merleau-Ponty (2015) e Maurice Blanchot (2011). Para esses autores, a linguagem não é apenas espaço porque representa, reflete e reproduz estruturas do mundo, mas porque na sua estrutura é possível que nos situemos em instâncias de percepção e que a partir delas tenhamos experiências linguísticas, retóricas, gramaticais, estéticas, poéticas e sensoriais.

Assim, enquanto Gérard Genette (1972, p. 101) ressalta que nossa linguagem é tecida de espaço, uma vez que a noção de espaço “está implicada na fonte ou na base da mensagem”, Paul Ricoeur (1988, p. 18) avalia que toda linguagem é topológica e, especificamente, a linguagem escrita, “uma localidade para a hermenêutica”. Outras ressonâncias de concepção da linguagem podem ser destacadas nesse contexto, uma, a de Merleau-Ponty (2015, p. 200), que considera a palavra um certo lugar do mundo linguístico do falante e, portanto, uma “modulação do espaço visível”, e outra, a de Maurice Blanchot (2011, p. 12), alinhada à compreensão de Paul Ricoeur sobre interpretação literária e mais específica aos propósitos de estudo do lugar narrativo quando afirma em *Espaço Literário* que a obra literária é o “lugar fechado de um trabalho sem fim”.

Em princípio, é possível problematizar a importância da linguagem para a experiência perceptiva do lugar a partir da perspectiva da composição ou da leitura do texto literário, uma vez que a natureza linguística do texto, segundo Michael Riffaterre (1989), é a primeira modalidade da percepção.

A não percepção imediata da linguagem pelo leitor pode ser entendida como efeito de recursos estéticos e estilísticos adotados pelo autor ou em consonância com algum movimento literário ou paradigma textual. Esses recursos criam a impressão de que não existe algo, a linguagem, que intermedeia, coordena e condiciona a experiência perceptiva do leitor com respeito, de modo geral, ao objeto, à situação ou aos seres em representação e representados. Na verdade, a depender da proposta estética e estilística da obra literária, é importante que a linguagem seja invisibilizada, dissimulada, ignorada, ou pelo autor ou pelo leitor, para que se efetivem certos efeitos de ilusão, entre eles, o de acesso direto ao universo ficcional ou de pertencimento a ele.

A intercalação entre a circunscrição da linguagem e a circunscrição do leitor e do ato interpretativo tem como intenção salientar, conforme bem lembrado por Michael Riffaterre (1989), que o fenômeno literário não se restringe ao texto apenas, mas também ao leitor e ao conjunto das suas possíveis reações com respeito ao enunciado e à enunciação.

Os efeitos de ilusão decorrentes da não consciência imediata da linguagem tornam-se mais evidentes quando há alinhamento e aderência estética e ideológica do leitor com

#### Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

aquilo que está sendo narrado e/ou descrito. O alinhamento e aderência podem chegar a tal nível que o leitor experimenta a sensação de pertencimento ao universo ficcional, quando na verdade sempre está à margem dele, ou seja, em termos de universo ficcional, a expectativa se trata da condição *sine qua non* do leitor: “O apanágio da experiência literária é ser um deslocamento, um exercício de alienação, uma perturbação de nossos pensamentos, de nossas percepções, de nossas expressões habituais” (RIFFATERRE, 1989, p. 4).

A experiência de percepção do universo ficcional depende estritamente do acesso e este só é possível por causa do acordo deliberadamente consciente ou não consciente do leitor referente à aceitação e à compreensão de certos códigos estéticos, literários e retóricos de decifração do texto. O leitor precisa apreender os códigos para compreender e adentrar o universo ficcional, no entanto, ter capacidade de codificação e decodificação de um texto é, fundamentalmente, estar sob o controle e a limitação de procedimento: o texto é um código limitativo e prescritivo. Sendo a execução de uma partitura, a enunciação do texto não é livre, ou melhor, liberdade e não liberdade de interpretação estão codificadas no enunciado (RIFFATERRE, 1989, p. 6).

A apreensão do código do texto é o primeiro sinal de ajuste do leitor ao ponto de vista e traz à tona outra noção de que o ajuste do leitor a isso contribui para a compreensão do lugar como circunscrição da exclusividade. Nesse sentido, lugar é, e somente é, a circunscrição do código, da voz narrativa e/ou das expressões e relatos das experiências espaciais das personagens, aquém e além disso, configura-se o lugar à parte, o entorno, o marginal: lugar do leitor.

Assim sendo, ao considerarmos a exclusividade como um traço que caracteriza o lugar, podemos reiterar a compreensão de que o leitor, ainda que tomado por uma ideia e sensação de pertencimento muitas vezes respaldada pela noção de representatividade, não pertence, do ponto de vista do representado, ao universo ficcional. A propósito, a necessidade de um ponto de vista e, sobretudo, o ajuste a um ponto de vista, são dinâmicas que comprovam que o leitor está à margem ou em torno da origem do discurso do/sobre o lugar.

A decifração dos códigos estéticos, literários e retóricos para que o leitor tenha acesso ao lugar e aos lugares na/da narrativa e às experiências espaciais no âmbito do universo ficcional reforçam a tese de que a circunscrição do leitor é o entrelugar, uma vez que, não estando efetivamente no lugar representado, também não está no lugar da referência da representação, tampouco no seu lugar referencial e referenciado. Trata-se, portanto, de leitor suspenso entre lugares.

Deve-se notar que toda a problemática torna evidente que aproximamos a noção de linguagem literária à noção de retórica da persuasão, sobretudo, porque desvela que a

**Dossiê “Nas teias da linguagem”**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

experiência de percepção do leitor do universo ficcional dá-se por intermédio de vários tipos e níveis de distanciamento, de controle, de limitação e de restrição, sendo eles, por exemplo, o geográfico, o estético, o ético, o emocional, o sensorial e outros.

A noção de distanciamento engloba a noção de controle, assim como a noção de linguagem abarca a noção de texto literário, no sentido mais estrito do termo. A imposição da distância determinada pelo tipo de discurso literário pressupõe tipos e níveis de controle, limitação e restrição. Nada surpreendente, a propósito, quando reiteramos a afirmação de Michael Riffaterre (1989) de que a literatura é uma máquina que controla a atenção e a imaginação dos leitores.

Depreendemos, portanto, que a experiência perceptiva e perspectiva do lugar passa por diversos tipos e níveis de controle e limitação, sendo eles, o livro, a linguagem, o texto literário, também o processo de codificação e decodificação do texto. No entanto, irônica e paradoxalmente, são o distanciamento e o controle instituídos que nos aproximam do lugar da enunciação e do enunciado, da representação e do representado; assim como também da experiência de percepção de tais lugares; das experiências de transitar e de habitar porque, para além de fazerem a mediação entre os leitores e o universo ficcional, transformam todas essas experiências em signo, síntese e simulacro.

Além da noção de mediação, também as concepções da linguagem salientadas por Émile Benveniste em *Problemas de Linguagem* (1976) devem ser consideradas. Para o linguista, a linguagem é dotada de estrutura relacional, constitui-se de dualidade opositiva e institui-se fenômeno que substitui a experiência e atribui forma ao pensamento.

A relação entre estudos da narrativa literária e estudos linguísticos nos permite afirmar que lugar, independentemente da instância de problematização, sempre é linguagem e, como tal, compreendido como símbolo e configurado pelo discurso ou pela fala. Nesse sentido, enquanto elemento de estrutura em um sistema, lugar constitui-se de combinações variáveis e da articulação de elementos formais. Essa definição reitera a compreensão de lugar como linguagem ou a afirmação de que lugar é linguagem e, por isso, pode e precisa ser estudado sob o viés da linguística.

Nessa ordem de ideias, a adoção da perspectiva de Émile Benveniste (1976) sobre linguagem também se faz necessária quando nos atemos à compreensão da noção de solidariedade mútua entre linguagem e pensamento e é a partir dela que se desvela a percepção fundamental de que a linguagem categoriza o objeto e cria a relação entre eles quando formaliza, através de enunciado, o conteúdo do pensamento, ou seja, “a forma linguística é, pois, não apenas a condição de transmissibilidade mas primeiro a condição de realização do pensamento” (BENVENISTE, 1976, p. 89).

#### Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

A linguagem manifesta o pensamento sobre o lugar e transmite as experiências e experimentações de lugar. Exatamente por se tratar de um fenômeno de mediação e de acesso é que se faz necessário ressaltar que o pensamento e as experiências acessadas e mediadas são percebidos pelo leitor como fenômenos filtrados pelas expressões e relatos das figuras ficcionais, narrador e personagens. A codificação e decodificação são as únicas experiências perceptuais diretas que temos, uma vez que pensamento e experiências representados no texto literário se doam como possibilidades de (re)experiência perceptual e (re)experimentação de transitar e habitar. O texto literário, sobretudo aquele marcadamente sinestésico e hiperbólico, trata-se de uma máquina de simulação de experiências de lugar.

### Considerações finais

A partir da noção de lugar como fenômeno de situação, temporalidade e discursividade, depreendemos que a análise dessa categoria se estende para além e aquém da sua preconcepção como algo restrito à circunscrição do representado e ao âmbito da teoria literária ou teoria da narrativa. Anteriormente à noção de lugar como algo imediatamente percebido, existe a concepção de lugar mediatizado e modulado por várias instâncias ou níveis de experiências perceptivas, estas mesmas podendo ser consideradas lugar.

O estudo de lugar pressupõe o estudo de lugares. Na verdade, o termo “lugar narrativo”, vago por sua natureza, engloba tanto instâncias e níveis de percepção de lugar quanto permite a percepção de dinâmica de intersecção e perpassagem de conceito, noções e funções de lugares. A experiência de percepção do lugar narrativo constitui-se de uma série de lugares que se fundem e confundem ao ponto de o ato da percepção se instituir ele mesmo um lugar de percepção.

Assim, o que denominam de lugar ulterior se expressa como objeto de atenção e de intenção. Lugar ulterior é circunscrição imediata para a leitura e para análise, podendo, portanto, ser designado em razão da representação ou do representado, da enunciação ou do enunciado, da codificação ou do codificado. A escolha de um desses níveis ou instâncias de lugar, assim como a do recorte, do *corpus* de análise e da metodologia, também se constituem lugares a partir dos quais é possível compreender a organicidade e a funcionalidade do lugar e, ainda, como se dá o processo de configuração de lugar por meio da lógica da precedência e da obviedade.

Resta claro que o estudo do lugar precede ao estudo de outros lugares e essa dinâmica de precedência nos faz perceber que o lugar ulterior nada mais é do que metonímia constituída a partir de filtragem estética e ideológica decorrente do trânsito de percepção de

#### Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

vários lugares que se instituem como suporte de percepção. Entre esses suportes, ressaltamos o livro e a linguagem como dois lugares às vezes tão evidentes que ignorados como geneticamente fundantes, condicionantes e controladores da experiência de percepção do lugar.

O condicionamento e o controle da experiência de percepção de lugar narrativo não significam apenas que nós, leitores, vemos o lugar de um determinado ângulo restritivo de experiência perceptiva ou perspectiva, mas também que o vemos de maneira exclusiva. O acesso que temos ao lugar narrativo, seja ele qual for, estabelece-se como reexperimentação da experiência de constituir e de configurar o lugar ou, ainda, da experiência de se situar, de habitar e de transitar em lugares.

## Referências

- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística geral**. Tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo: Cultrix, 1976.
- BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- BONOMI, Andrea. **Fenomenologia e estruturalismo**. Tradução de João Paulo Monteiro, Patrizia Piozzi e Mauro de Almeida Alves. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BUTOR, Michel. **Repertório**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- DIMAS, Antonio. **Espaço e romance**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- DUFRENNE, Mikel. **Estética e filosofia**. Tradução de Roberto Figurelli. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- GENETTE, Gérard. **Figuras**. Tradução de Ivone Floripes Mantoanelli. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Elementos de linguística para o texto literário**. Tradução de Maria Augusta Bastos de Mattos. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MARANDOLA JR.; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (org.). **Qual o espaço do lugar?** 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- RAMOS, Maria Luiza. **Fenomenologia da Obra Literária**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense – Universitário.
- RICŒUR, Paul. **Interpretação e ideologia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- RICŒUR, Paul. **Tempo e a narrativa 3: o tempo narrado**. Tradução de Cláudia Berliner. 1. ed.

### Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

São Paulo: Martins Fontes, 2010.

RIFFATERRE, Michael. **A produção do texto**. Tradução de Eliane Fittipaldi Pereira Lima de Paiva. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

SANTAELLA, Lúcia. **Percepção**: fenomenologia, ecologia, semiótica. São Paulo: CENGAGE Learning, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

TZVETAN, Todorov. Linguagem e Literatura. *In*: **As estruturas narrativas**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1979.

Recebido em: 10/06/2023

Aceito em: 12/06/2023

Publicado em: 30/09/2023

**Dossiê “Nas teias da linguagem”**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

## PHENOMENOLOGICAL DYNAMICS OF PERCEPTION OF THE NARRATIVE PLACE OF LITERARY FICTION

Danilo de Oliveira Nascimento

Universidade Federal de Rondonópolis

([danilo.nascimento@ufr.edu.br](mailto:danilo.nascimento@ufr.edu.br))

### ABSTRACT

The fundamental objective of this article is to highlight the dynamics of perception of narrative place considering three instances of perceptual experience: the methodology of analysis and interpretation of the literary text based on the phenomenology of perception and humanist geography; the book notion as a support of the literary text; the literary language. Based on Merleau Ponty and Yi-Fu Tuan, we adopted the notion of place as a phenomenon of situation and temporality, thus, we reiterate the understanding that the place immediately perceived is a condensation and diffusion phenomenon of other places, that have preceded it and that constitute and characterize it. In their turn, the process of diffusion and condensation of places between places unveil dynamics of intersection, and of passage, and the logic of precedence and obviousness.

**Keywords:** Fiction narrative; Narrative place; Narratology; Phenomenology of Perception.

### Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

## DINÂMICA FENOMENOLÓGICA DE LA PERCEPCIÓN DEL LUGAR NARRATIVO DE LA FICCIÓN LITERARIA

Danilo de Oliveira Nascimento

Universidade Federal de Rondonópolis

([danilo.nascimento@ufr.edu.br](mailto:danilo.nascimento@ufr.edu.br))

### RESUMEN

El propósito fundamental de este artículo es destacar la dinámica de la percepción del lugar narrativo considerando tres aspectos de la experiencia perceptiva: la metodología de análisis e interpretación del texto literario basada en la fenomenología de la percepción y de la geografía humanista; la noción de libro como soporte del texto literario; el lenguaje literario. Basándonos en Merleau Ponty y Yi-Fu Tuan, adoptamos la noción de lugar como fenómeno de situación y temporalidad, así, reiteramos la comprensión de que el lugar inmediatamente percibido fue precedido, constituido y caracterizado por un fenómeno de condensación y difusión de otros lugares. Así, los procesos de condensación y difusión de lugares entre lugares revelan las dinámicas de intersección y de pasaje y las lógicas de la precedencia y obviedad.

**Palabras-clave:** Narrativa de ficción; Lugar narrativo; Narratología; Fenomenología de la percepción.

### Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-21	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>